

"A culpa é dos hormônios?": as metáforas das representações do masculino e do feminino

ANA PAULA FERREIRA

CPII, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Reconhecendo que as visões essencialistas e culturalistas continuam presentes em nossos dias, o presente estudo tem como objetivo identificar as metáforas que embasam discursivamente as representações do feminino e do masculino, verificando qual seria a perspectiva preponderante atualmente na justificativa para a diferença entre homens e mulheres. Para tanto, foram analisados artigos de revistas voltadas ao público masculino e ao público feminino que tratavam sobre as diferenças entre os sexos. Como suporte teórico para a análise, optou-se pela Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), e nos conceitos de nicho metafórico e de metáfora situada (VEREZA, 2007, 2010, 2013, 2016). Como resultado, a análise das metáforas nos revelou uma abordagem primordialmente essencialista, em que mulheres seriam naturalmente românticas, emotivas, sensíveis e impulsivas, enquanto os homens seriam seres sensatos, práticos, lúcidos e racionais. Também houve espaço para o reconhecimento da influência sociocultural nos comportamentos masculinos e femininos, mas, nessa mistura desigual entre o discurso essencialista e o culturalista, aquele se demonstrou mais forte, acabando por embaçar os argumentos deste.

Palavras-chave: metáfora conceptual; gênero; essencialismo; culturalismo.

ABSTRACT

Acknowledging that essentialist and culturalist views are still present today, the present study aims to identify the metaphors that discursively support the representations of the feminine and the masculine, verifying what would be the preponderant perspective currently in the justification for the difference between men and women. To this end, articles from men's and women's magazines that dealt with the differences between the sexes were analyzed. As theoretical support for the analysis, we opted for Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980), and metaphorical niche and situated metaphor concepts (VEREZA, 2007, 2010, 2013, 2016). As a result, the analysis of metaphors revealed a primarily essentialist approach, in which women would be naturally romantic, emotional, sensitive, and impulsive, while men would be sensible, practical, lucid, and rational beings. There was also room for the recognition of the sociocultural influence on male and female behaviors, but in this unequal mixture between the essentialist and the culturalist discourse, the former proved to be stronger, ending up blurring the latter's arguments.

Keywords: conceptual metaphor; gender; essentialism; culturalism.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo identificar as metáforas conceptuais que embasam discursivamente as representações do feminino e do masculino, verificando qual seria a perspectiva preponderante atualmente na justificativa para a diferença entre homens e mulheres. Seriam, nessa perspectiva, os comportamentos

considerados como masculinos, ou femininos, frutos de uma "essência", de caráter biológico, ou o resultado de construções culturais?

Para auxiliar na reflexão sobre esse questionamento, foram selecionados artigos de revistas destinadas aos públicos masculino e feminino, no intuito de verificar quais as orientações transmitidas aos leitores em relação às condutas esperadas de cada grupo, em especial nos relacionamentos amorosos, além de observar se os argumentos apresentados pelas revistas seriam embasados em uma visão essencialista, ou, ao contrário, se haveria mais espaço para a apresentação de fatores culturais como responsáveis pela consideração do que seria condizente a homens e mulheres.

2. A (DES)CONSTRUÇÃO DO MASCULINO E DO FEMININO

Os estudos sobre as diferenças entre os sexos sempre se embasaram, primordialmente, em duas perspectivas opostas: a essencialista, que defendia a existência de uma "essência feminina" e de uma "essência masculina"; e a culturalista, que justificava as diferenças sexuais a partir da cultura. Desse modo, enquanto essencialistas valiam-se da biologia, e mesmo da psicologia, para impor às mulheres um modelo de feminilidade, os culturalistas partiam da sociologia e da antropologia para postular que, sendo superadas as leis patriarcais, eliminar-se-iam as diferenças sexuais (ARAÚJO, 2008).

A visão essencialista, ao defender as diferenças entre os sexos por aspectos biológicos (hormônios, cromossomos, tamanho do cérebro etc.), acabava por justificar uma hierarquização entre eles. Consequentemente, observa-se uma clara diferenciação entre o que é feminino e o que é masculino, com padrões de conduta considerados como específicos de cada sexo.

Para os culturalistas, entretanto, as representações acerca do masculino e do feminino não são predeterminadas, mas culturalmente construídas. Segundo seus defensores, a crença de que a divisão de mundo entre homens e mulheres é fundamentada em diferenças biológicas seria uma "ilusão coletiva" (BOURDIEU, 2012), não havendo provas de mecanismos que efetuassem uma associação entre as "forças biológicas" e os comportamentos sociais complexos dos homens e das mulheres (CONNELL, 1987).

3. A METÁFORA EM UM VIÉS SOCIOCOGNITIVO

Para a abordagem cognitiva, a "metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiências em termos de outro" (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 4). Através da metáfora conceptual o AMOR É UMA VIAGEM, por exemplo, o conceito de amor é fornecido a partir do conceito de viagem. O AMOR é o domínio-alvo, aquele ao qual se quer atribuir um conceito, e VIAGEM é o domínio-fonte, a partir do qual o amor é conceptualizado. Essa metáfora conceptual possibilita a utilização de expressões linguísticas tais como: "nosso casamento não está indo bem", "esse relacionamento chegou a um beco sem saída", entre outras.

Tanto na produção quanto na interpretação de metáforas, não há como desconsiderar o contexto em que elas estão inseridas. A metáfora é a mais clara evidência de uma interseção entre estrutura e enunciação, sujeito e cultura e sistema e uso (STEEN, 2006), na qual cognição, semântica e pragmática

se apresentam indissociáveis (VEREZA, 2007). Teríamos, assim, um diálogo entre dois universos: o *offline* (estável) e o *online* (episódico), em que aquele funciona como um alicerce na construção metafórica deste, sendo, portanto, estudado "em sua relação com o ambiente sociocultural e com os construtos ideológicos que evoca" (VEREZA, 2016, p. 562). Ou seja, *frames*, MCIs (Modelo Cognitivo Idealizado), Els (Esquema Imagético), metáforas e metonímias conceptuais, que são representações cognitivas mais estáveis, tornam-se responsáveis por fornecer suporte a nossa memória de longo prazo, sendo evocados na referência como uma fonte de expectativas e pressupostos.

Considerando a importância de trabalhar com a metaforicidade no discurso, Vereza (2007, 2010) desenvolve o conceito de nicho metafórico. É assim chamado

um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto (VEREZA, 2007, p. 496).

Vereza (2010, 2013) postula que as metáforas, assim como as espécies em suas comunidades, ajustam-se e se relacionam de modo a possibilitar a estruturação cognitiva de textos específicos. Chamada pela autora de situada, a metáfora, a partir de seus desdobramentos, embasa toda a argumentação defendida em textos específicos, principalmente os nichos metafóricos presentes nesses textos. É uma metáfora cognitiva, subjacente ao discurso, geralmente episódica e situada (por isso, o seu nome). Apesar de cognitiva, ela se difere da metáfora conceptual por estar situada em textos específicos e ser evidenciada por marcas linguísticas metafóricas presentes nesses textos (VEREZA, 2013, p. 5).

Com o intuito de demonstrar articulações entre ambas as metáforas na prática, a autora apresenta o texto intitulado "Sem rumo", no qual o autor fala sobre pessoas que se sentem perdidas, desconstruídas e sem chão. Ele afirma ser normal, pois ninguém passa a vida inteira "com os pés firmes no chão". Segundo Vereza (2016, p. 569), a argumentação é desenvolvida tendo como base a metáfora situada, ou seja, do nível episódico, *instabilidade na vida é desorientação no espaço*. A autora destaca que essa metáfora está ancorada nas metáforas conceptuais VIDA É VIAGEM, OBJETIVO NA VIDA É RUMO NO CAMINHO E ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA.

Além das metáforas conceptuais, outros elementos de natureza mais estável são acionados, como o *frame* responsável pela estruturação do domínio-fonte VIAGEM, e os MCIs de natureza sociocultural, como "objetivos de vida" e "inserção social", os quais se articulam com os de nível mais episódico, gerando as ideias de "felicidade" e "frustração" e os efeitos psicológicos argumentados no texto.

4. AS METÁFORAS E AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO

Com o intuito de identificar as metáforas conceptuais que embasam discursivamente as representações do feminino e do masculino, e de verificar qual seria a perspectiva preponderante na justificativa para a diferença entre homens e mulheres, foram selecionados artigos da coluna "comportamento" da revista GQ e da coluna "amor (ou quase isso)" da revista *Cosmopolitan*.

As expressões linguísticas metafóricas foram destacadas manualmente, através do método de leitura (SARDINHA, 2007). As considerações a seguir foram propostas a partir das expressões linguísticas destacadas, retiradas da fonte impressa.

Revista GQ

- (1) Por causa das coisas que eu escrevo, vira e mexe alguma moça diz que tenho "alma feminina". No começo isso me incomodava, por machismo. Depois, percebi que era um elogio. Significa que sou capaz de entender o universo das mulheres e perceber os sentimentos dela.
- (2) Como todos fomos criados por mulheres, deveríamos ter uma compreensão natural das nossas mães, irmãs e namoradas. Mas não. Crescemos na mesma casa, porém, desde crianças, habitamos planetas diferentes. Há um mundo dos homens e um mundo das mulheres. Eles se esbarram, mas não se misturam. A gente vive, transa e se casa com elas, no entanto continua a habitar exclusivamente o planeta dos homens.
- (3) Quando foi a última vez que você conversou longamente com uma mulher sobre os sentimentos e as ideias dela? Outra pergunta: você se interessa pelo que elas pensam ou está de olho apenas naquele corpo lindo? Sinceridade, por favor.
- (4) Donald Trump é um sujeito esquisito, que parece tomar um copo de testosterona pela manhã. Ele não tem alma feminina. Não entende nada sobre as mulheres. Como é bilionário, acha que pode comprá-las por quilo. Ou agarrá-las na marra. [...] Muitos dirão que os homens têm de ser como ele e tratar as mulheres da forma como ele trata.
- (5) Viver num mundo apenas de ideias masculinas seria como envelhecer num vestiário de futebol, ouvindo sempre as mesmas piadas. Um pesadelo insuportável.
- (6) Qual é o medo? Ninguém vai deixar de ser corintiano por ter sentimentos. Sigmund Freud, o inventor da psicanálise, passou décadas tratando de mulheres e disse que não conseguiu entendê-las. Eu não consigo pensar num jeito mais gostoso de passar a vida.
- (7) As mulheres têm enorme poder sobre a nossa felicidade. Entender o que é importante para elas deveria ser muito importante para nós. Quando você não compreende o essencial sobre a mulher que ama, está a um passo de perdê-la.
- (8) Desde garoto, percebi que o convívio com as mulheres torna a vida mais feliz.

A metáfora situada *mulher é ser de outro planeta* perpassa pelos argumentos do autor para justificar as diferenças encontradas. Homens e mulheres são seres de planetas diferentes, habitam universos diferentes. Essa é uma metáfora bastante recorrente: há o mundo dos homens e o mundo das mulheres, o planeta dos homens, o mundo de ideias masculinas, o universo das mulheres. Logo, entender as mulheres não é uma tarefa fácil (nem mesmo Freud, o inventor da psicanálise, conseguiu).

Observa-se, assim, um espaço para uma justificativa de cunho biológico: não pertencemos à mesma espécie, e, além disso, hormônios fazem com que os homens ajam diferentemente. O presidente Trump parece tomar um copo de testosterona pela manhã, o que justificaria seu comportamento truculento e o seu modo de tratar as mulheres. Assim, a diferença entre os sexos é abordada de modo essencialista, sendo a natureza a responsável por ela.

No artigo, há a presença de MCIs que indicam o que esperar de homens e de mulheres: gostar de futebol é apresentado como uma característica masculina, por exemplo, enquanto ter sentimentos seria um comportamento feminino (novamente, reforça-se a imagem da mulher como um ser sentimental, guiado pelas emoções). Destaca-se a metáfora situada *vida é uma partida de futebol*, em que o torcedor do Corinthians é um elemento prototípico de masculinidade e o vestiário de futebol representaria um reduto exclusivamente masculino.

Certamente, há a possibilidade de integração entre os dois mundos: ninguém vai deixar de ser homem por ter sentimentos, e o isolamento entre homens e mulheres não é visto com bons olhos, pois seria um pesadelo viver em um mundo apenas de ideias masculinas.

Embora sejam de espécies diferentes, há homens (poucos) que conseguem se aproximar mais das mulheres e que teriam a habilidade de lidar com as diferenças: seriam os homens de alma feminina. Segundo o autor, ter a alma feminina é uma característica importante, que os homens deveriam desenvolver, não necessariamente pelas mulheres, mas como uma forma de alcançar a própria felicidade, como se pode comprovar no excerto 8.

Mais uma atribuição cai sobre as mulheres, sendo elas as responsáveis em tornar a vida (dos homens) mais feliz. Prosseguindo com uma "biologização das emoções", poderíamos considerar a metáfora situada *mulher é ocitocina*, ou algum outro hormônio "promotor de felicidade".

No excerto 4, verifica-se a presença das metáforas conceptuais MULHER É ALIMENTO, MULHER É ANIMAL e MULHER É OBJETO. Elas podem ser compradas por quilo, podem ser agarradas na marra, como também são consideradas somente pela beleza exterior, de seu corpo, de modo semelhante a um troféu, em detrimento de seus pensamentos e sentimentos.

Em qualquer uma das possibilidades, o poder masculino é reforçado. Por serem os homens seus donos, ou simplesmente porque eles são mais fortes, é que as mulheres podem ser consumidas, abatidas, e, porventura, eles podem até perdê-las. Essas conceptualizações confirmam e dão base a comportamentos machistas e sexistas.

Revista *Cosmopolitan*

- (1) Coração de Lata. Parceiros não românticos: quem são? Onde vivem? Do que se alimentam? E por que raios não conseguem demonstrar amor de um jeito fofo? É o que você vai descobrir a seguir.
- (2) Eles não gostam de andar de mãos dadas porque elas ficam suadas. Jantar à luz de velas incomoda, afinal quem consegue ter uma boa refeição sem enxergar sequer o que está no prato? Viagem-surpresa? Pera lá, isso é sério, tem que ser conversado e combinado antes! Já uma declaração de amor em público

pode resultar em separação por justa causa. Essa é a descrição dos não românticos, uma espécie que parece se reproduzir indiscriminadamente nos últimos tempos.

- (3) Mas essa espécie ama? Com certeza! Ela só não demonstra o sentimento de maneira convencional.
- (4) O romantismo, na definição mais extrema, significa acreditar na paixão e na possibilidade de o amor bastar por si só. É uma crença idealizada de que, desde que haja entrega intensa entre os dois, nenhuma questão prática poderá separá-los.
- (5) O romântico tende a idealizar o parceiro e ressaltar apenas as características positivas. Já o não romântico se recusa a enxergar o outro e o relacionamento com lentes cor-de-rosa: para eles, é difícil bancar o louco, ainda que estejam apaixonados. Há um sentido prático sempre presente.
- (6) É puro medo, que pode ter origem em uma personalidade control freak, em que a razão predomina sobre a emoção e fica difícil agir sem calcular muito bem cada passo.
- (7) "Um pode não ter o mesmo grau de euforia do par, mas não quer dizer que não vai gostar de gestos de amor. É sábio entender que nem sempre haverá uma reciprocidade exata nos relacionamentos", diz Hanns.
- (8) E é muito comum que os não românticos se relacionem com parceiros românticos, e aí já viu, ambos deverão se esforçar para aceitar o jeito de ser de cada um, sem exigir que o outro se transforme. Ao romântico, cabe fazer algo sem esperar nada em troca, o que não é fácil [...].
- (9) Como primeira dica, podemos dizer que eles tendem a se sentir sufocados mais facilmente. "Excesso de mensagens na hora do trabalho e aparecer sem avisar num compromisso que é só do outro dão uma sensação de invasão e falta de espaço", diz a psicóloga Carmen Cerqueira Cesar.
- (10) "O desafio para o romântico é entender que qualquer ato de forçação de barra é um desrespeito com o outro, por mais que as intenções sejam louváveis", diz a psicanalista e sexóloga Lelah Monteiro. Não existe um protocolo, é preciso dançar conforme a música.

Logo no início, observa-se uma referência às chamadas de um programa jornalístico bastante conhecido, produzido por uma emissora de televisão, em que o apresentador, ao anunciar o tema a ser abordado – quando este trata sobre uma espécie animal –, faz exatamente esse tipo de pergunta: "quem são?", "onde vivem?".

A apresentação dos não românticos como pertencentes ao reino animal é confirmada a seguir, classificando-os como uma "espécie que parece se reproduzir indiscriminadamente". Percebem-se, desse modo, as metáforas situadas *homens não românticos são animais*, *homens não românticos são animais que se reproduzem indiscriminadamente*, o que justificaria o fato de eles serem muitos e estarem por toda a parte. Essas metáforas são possibilitadas pela metáfora conceitual *HOMEM É ANIMAL*, e a ênfase dos argumentos aplica-se para justificar a falta de romantismo no caráter biológico.

Prosseguindo na descoberta sobre a referida espécie, deparamo-nos com a constatação de que o não romântico é aquele que precisa ter controle sobre tudo, é alguém que segue a razão em detrimento da emoção. Essa divisão entre razão e emoção continua a ser bastante difundida pelo senso comum,

como também persiste o MCI de mulheres como pessoas guiadas pela emoção, enquanto os homens são mais racionais.

Por isso mesmo, é questionado se os homens, os não românticos, têm o coração de lata, visto que, por ser o órgão considerado responsável pelas emoções, em especial o amor, o coração representaria metonimicamente esse sentimento, bem como as pessoas que agissem de acordo com ele. Ser de lata significaria o seu não funcionamento. Um coração de lata é mais forte, não sente, não sofre, e os seus possuidores seriam guiados apenas pela razão, ou, metonimicamente, pelo cérebro.

Desse modo, enquanto os homens são pessoas práticas – o que os leva, de maneira sensata, a refutar mãos suadas e a querer enxergar aquilo que come –, as mulheres possuem um jeito fofo de se comportar, ou seja, terno, afetuoso, quase infantil.

O comportamento racional é uma característica masculina. As palavras louco, enxergar com lentes cor-de-rosa, euforia dão pistas sobre como seria um homem que, indo contra sua espécie, fosse adepto do romantismo.

A metáfora situada *quem ama é doente mental* constrói a imagem do homem não romântico como alguém que valoriza a razão em detrimento da emoção, com sentido prático, que precisa ter o controle de sua vida (um control freak que só age calculando bem os seus passos). O romantismo tiraria o foco desse homem, torná-lo-ia insano, eufórico, faria com que ele passasse a agir como uma mulher, enxergando o mundo com lentes cor-de-rosa (uma cor tradicionalmente associada ao sexo feminino).

A partir dessas considerações, observa-se a presença norteadora da metáfora conceptual AMOR É LOUCURA, em que o ser apaixonado não raciocina objetivamente e não é mais responsável pelos seus atos.

A metáfora AMOR É VIAGEM, resultante da metáfora *standard* VIDA É VIAGEM, também é reconhecida, com a conceptualização do amor em termos de um esquema imagético (EI) de trajetória. Calcular os seus passos possibilitaria à pessoa estabelecer metas, planejar o que quer alcançar, mas esses propósitos seriam prejudicados quando os viajantes estivessem apaixonados, justamente por, assim, distanciarem-se da objetividade e da racionalidade.

Para vencer as adversidades, a dica fornecida à leitora se baseia na aceitação do não romântico, sem tentar transformá-lo: ela precisa entender que não deve esperar reciprocidade exata, mais ainda, ela não deve esperar nada em troca.

O AMOR é, desse modo, conceptualizado como um NEGÓCIO, que requer esforço e foco para ser bem-sucedido. E, apesar de não haver um protocolo definido, a mulher (a romântica) já deve entrar sabendo que, na contabilidade, investirá mais do que irá receber, a despeito de seu empenho e das técnicas empregadas.

Do mesmo modo, se o AMOR é pensado como uma DANÇA, não será a mulher a responsável por escolher a música. A ela, cabe somente acertar os passos de acordo com o ritmo que estiver tocando. Reconhecer isso é sinal de respeito e de sabedoria.

Por fim, a conclusão apresentada para a leitora é a de que o amor é livre, havendo, assim, uma representação metonímica da pessoa amada pelo sentimento que ela evoca. Assim, o que a mulher precisa aprender, para que seu relacionamento siga adiante, é que o homem não pode se sentir sufocado, ele não aceita quando seu território é invadido, o que ocorre se ela estiver sempre "grudada", forçando a barra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admitindo a linguagem como reprodutora e legitimadora de ideologias, a análise de artigos de revistas voltadas aos públicos masculino e feminino possibilitou, através do reconhecimento das estratégias cognitivas utilizadas, a identificação de padrões recorrentes de conceptualização de papéis destinados aos homens e às mulheres em suas relações.

A análise do *corpus* nos revelou uma abordagem primordialmente essencialista, em que mulheres seriam românticas, emotivas, sensíveis, delicadas, frágeis e impulsivas, enquanto os homens seriam seres sensatos, práticos, lúcidos, racionais, assim como, presumivelmente, mais rudes e agressivos, como se isso fizesse parte da natureza de cada um.

Ao "mundo das mulheres", são associadas palavras e expressões como "louco", "euforia", "enxergar (o outro e o relacionamento) com lentes cor-de-rosa", "jeito fofo". A idealização do outro e o predomínio das emoções na tomada de decisões é algo esperado e recorrente. No "mundo dos homens", entretanto, temos "coração de lata", "calcular muito bem cada passo", "personalidade *control freak*", o que confirma a razão como norteadora do comportamento masculino.

Loucura é uma característica feminina, enquanto a lucidez cabe ao homem, agindo com discernimento e consciência de seus passos. No entanto, quando são verdadeiramente encantados, os homens passam a agir como as mulheres, deixam de lado a razão e a necessidade de controle, e, levados pelas emoções, aceitam se comportar como loucos.

Desse modo, considera-se que os papéis destinados a um e a outro são justificados como se fossem uma condição biológica; ou seja, seus comportamentos são diferentes porque suas naturezas são diferentes. Desconsideram-se os fatores culturais e sociais fundamentais nesse processo.

Por fim, como pudemos constatar, reconhecer as ideologias subjacentes aos discursos que nos são oferecidos pode ser algo bastante esclarecedor na análise de nossas representações e comportamentos. Ao desvelá-las, tornamo-nos conscientes dos mapeamentos em que são efetuadas e somos capazes de avaliar criticamente as mensagens que nos são transmitidas, o que nos dá a possibilidade de confirmá-las ou de refutá-las.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CONNELL, Raewyn. **Gender and power: society, the person and sexual politics**. Cambridge: Polity Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.
- STEEN, Gerard. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A.**, v. 22, n. especial, p. 21-44, 2006.

VEREZA, Solange Coelho. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 16, n. 3, p. 561-573, set.-dez. 2016.

VEREZA, Solange Coelho. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul.-dez. 2013.

VEREZA, Solange Coelho. Trajetórias da metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: _____ (Org.). **Sob a ótica de metáfora: tempo, conhecimento e guerra**. Niterói, RJ: EdUFF, 2012. p. 25-64.

VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: letras e cognição**, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 7, n. 3, p. 487-506, set.-dez. 2007.